

## A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NO BRASIL

**Alexandra Peixoto Viana**

Graduanda em Ciências Sociais pela  
USP (Universidade de São Paulo).

Diversas são as tradições, costumes e religiões que permeiam a sociedade brasileira. No entanto, ao mesmo passo em que há no país tamanha diversidade, há também a intolerância e o preconceito. Nesse esteio, torna-se importante questionar o porquê de, em pleno século XXI, não haver a aceitação de determinadas crenças por alguns grupos ou indivíduos, refletindo as raízes históricas da problemática.

Com a chegada dos jesuítas, os indígenas do Brasil Colônia começaram a ser catequisados pela Companhia de Jesus, que tinha a missão de disseminar a fé católica. Assim, inicia-se o processo de transculturação de tribos inteiras as quais foram perdendo, de geração em geração, muito de suas próprias religiões. O mesmo aconteceu com os africanos escravizados que, como forma de manter o culto aos seus deuses, mesclaram-os aos santos católicos, resultando no sincretismo entre candomblé e cristianismo: a umbanda. Desse modo, ao longo dos acontecimentos históricos, corroboraram-se misturas culturais, originando diversas religiões.

Contudo, o catolicismo permaneceu predominante e muitos de seus adeptos ainda enxergam o diferente com olhos do passado. E não só entre católicos dissemina-se o preconceito. A competição entre distintas seitas é um forte fator da persistência da intolerância: evangélicos contra ateus, católicos contra evangélicos e toda sorte de

conflitos entre tradições religiosas. As mais atingidas são aquelas de matriz africana, vistas pela maioria como “macumba”, no sentido pejorativo do termo. Isso sem mencionar o que Michel Lobrot (1977) chamou de “generalização afetiva” ou as condenáveis teorias do diplomata francês Conde de Gobineau acerca da mestiçagem “degenerada” que destruiria o Brasil (GAHYVA, 2017).

Para amenizar as questões supracitadas é necessário mudar a visão das pessoas sobre as diferentes crenças, suprimindo o preconceito e a intolerância seculares. Isso, no entanto, não é tarefa fácil e requer uma profunda alteração daquilo que Durkheim (1995) chamou de consciência coletiva. Uma transformação radical dessa consciência exige uma transformação radical da estrutura social como um todo: a abolição da competição, do individualismo, das classes, das ideologias, dos valores dominantes etc. Exige, portanto, a destruição do capitalismo. A única maneira de dizimar as mazelas da esfera religiosa e das demais é através da construção de uma sociedade humanista e igualitária, em que se preza o desenvolvimento pleno das potencialidades e o diferente passa a ser visto com outros olhos, não mais os do passado.

## Referências

DURKHEIM, Emile. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

GAHYVA, Helga da Cunha. "A epopeia da decadência": um estudo sobre o *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1853-1855), de Arthur de Gobineau. *Mana*, vol.17, num. 03, dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132011000300001> acessado em: 01/10/2017.

LOBROT, Michel. *A Favor ou Contra a Autoridade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.